

O IMAGINÁRIO GLOBAL NA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO ECOCRÍTICO: UMA LEITURA NA POESIA DE THIAGO DE MELLO

Wesley Dias Cerdeira¹

Iraildes Caldas Torres²

Resumo: Este é um estudo do pensamento Ecocrítico voltado para as preocupações em torno da globalização. Essa é uma questão de inquietação recente por parte dos ecocríticos, sendo uma questão mal tocada que vem sendo discutida nos últimos anos. Através da perspectiva do imaginário este trabalho tem o objetivo de compreender dentro da poesia de Thiago de Mello o imaginário global. É partindo do lugar que entenderemos melhor as relações que constituem este imaginário por ter em meio às tecnologias da informação e a consciência ecológica na contemporaneidade, relações com as problemáticas globais. Essas relações, para Lawrence Buell, partem de uma dialética local-global que possibilitam o imaginar em patamares maiores que transcendem o lugar. A reflexão a partir das teorias do imaginário são fundamentais para se trazer uma compreensão cultural na constituição desse imaginário global ampliando as discussões das problemáticas ambientais.

Palavras-chave: Ecocrítico; globalização; imaginário; lugar; problemáticas ambientais.

Abstract: This is a study of Ecocritical thinking focused on the concerns surrounding globalization. This is a matter of recent concern on the part of the ecocritics, being a badly touched issue that has been discussed in recent years. Through the perspective of the imaginary, this work aims to understand within the poetry of Thiago de Mello the global imaginary. It is starting from the place that we will better understand the relations that make up this imaginary for having among the technologies of the information and the ecological conscience in the contemporaneity, relations with the global problems. These relations, for Lawrence Buell, start from a local-global dialectic that makes it possible to imagine it at higher levels that transcend the place. The reflection from theories of the imaginary are fundamental to bring a cultural understanding in the constitution of this global imaginary broadening the discussions of the environmental problems.

Keywords: Ecocritical; globalization; imaginary; place; environmental issues.

Introdução

Este trabalho é um estudo sobre a globalização, enquanto preocupação recente dos estudos em Ecocrítica. Tal perspectiva se faz importante na contemporaneidade por esta ser, tanto dinamizadora, quanto responsável pela crise ecológica global. Durante esta

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Professor licenciado em Letras/ Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: wesleydiascerdeira@gmail.com

² Professora e Coordenadora do Programa de Pós- Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail:

discussão buscaremos tratar com bastante cautela estas preocupações em torno da globalização que ainda é tão cara aos ecocríticos, principalmente por ser um constato alvo de críticas.

Essa crítica, advinda do discurso ambientalista contemporâneo, vem implicar principalmente nos avanços do capitalismo que se estendeu com maior intensidade nos países de terceiro mundo gerando grandes impactos ambientais. O tratamento e o cuidado ao abordar a globalização na análise ecocrítica cultural ainda é uma questão pouco explorada, mas se faz importante para entender as consequências deste fenômeno e a ampliação destas discussões onde quer que elas apareçam.

Por meio das teorias do imaginário buscaremos entender a formação desse imaginário global e a formação da consciência ecológica na contemporaneidade. Através da compreensão do imaginário será possível ter uma maior noção sobre esse contexto dentro da cultura, e mais especificamente nesta análise, dentro da literatura. Com isso, entender como a globalização influencia as manifestações culturais para com a formação de uma consciência ecológica.

Na poesia de Thiago de Mello serão avaliadas as representações que tenham um viés de conexão com a consciência e ética ambiental. Isso mostrará muito o posicionamento do poeta no espaço cultural em que se insere, pois é a partir dele em sua maneira de ver e interpretar o seu espaço que essa análise se desenvolverá. Esse espaço é a Amazônia e buscaremos nos elementos locais de sua poesia entender as conexões com o global ampliando e esclarecendo as imagens que o poeta busca representar.

A partir das construções imagéticas do seu imaginário poético do lugar, buscaremos entender a globalização em uma relação dialética entre local-global que serão discutidas mais detalhadamente. Por isso se faz importante compreender o encontro cruzado entre a matéria poética e questões ambientais, sendo cruciais na seleção dos poemas que tematizam uma preocupação ecocrítica. É nesse encontro cruzado que sua poesia se encontra com o global e como as questões ambientais, podendo ser discutidas em outros patamares.

Fazendo a reflexão ecocrítica através do imaginário este trabalho se propõe a trazer um discurso inovador e transformador que possibilite analisar o contexto em que se formam as imagens poéticas de Thiago de Mello e como podem ser discutidas em caráter global. É papel da ecocrítica analisar estes fenômenos e abrir espaços de

discussões sobre estes problemas ambientais, pois por mais que não seja seu objetivo solucionar estes problemas, deve reconhecer “a existência dos problemas, sua extensão, a natureza das ameaças e suas possíveis soluções.” (Garrard, 2006, p. 16). Isso só é possível ampliando as problemáticas que podem ser entendidas em caráter global.

1. O imaginário global na perspectiva ecocrítica

Para adentrar na abordagem do imaginário global se faz necessário entender antes dois pontos chave que exemplificam perfeitamente essa preocupação recente da ecocrítica com a globalização e a importância de explorá-la. O primeiro deles se dá pelo fato desta crítica focalizar os estudos culturais baseados no ambientalismo de hoje que, enquanto movimento social, político e filosófico, têm como principal alvo de críticas a globalização.

O segundo ponto está na própria dinamização da consciência ecológica que é uma das principais discussões na contemporaneidade. Então a partir do momento que se tem a compreensão de que os recursos da natureza não são infinitos e que a degradação da natureza é ocasionada pela ação capitalista e globalizada do homem, surge uma crítica radical com relação ao tratamento que o homem tem dado à natureza.

Este fenômeno que González (2010, p. 98) explica ser “la aparición de la conciencia ecológica como el signo más característico de los nuevos tiempos: la gran novedad histórica de este fin de siglo – afirma – es la aparición de la conciencia ecológica.” A partir disto, surgem tanto nos meios culturais, quanto nos grandes veículos de comunicação discursos em defesa da natureza, contra a poluição, desmatamento, aquecimento climático, fauna, flora, etc. Nisto, tanto a literatura como outras manifestações culturais não estão alheias aos problemas ambientais em seu enfoque ativista ambiental.

Os estudos culturais devem estar preparados para abordar estas diferentes relações em suas localidades e discutir estes problemas em caráter global. A ecocrítica deve buscar compreender estas visões com o intuito de trazer um retrato do presente, do agora e posicionar o homem neste processo em sua responsabilidade perante a problemática ecológica.

Embora Buell tenha sido um dos primeiros a considerar a globalização como uma questão de maior atenção dos ambientalistas, são Terry Gifford e Greg Garrard que irão discutir com maior profundidade a questão da globalização utilizando-se do

ambientalismo moderno em suas críticas a esse sistema global buscando aparatos críticos na ecologia e culturas pós-modernas.

Se faz em caráter de urgência por parte da ecocrítica entender o processo da globalização na busca de criticar e desconstruir paradigmas existentes. De acordo com Garrad (2006) estes paradigmas estão principalmente na exploração dos países de terceiro mundo gerando consequências sociais e ambientais como a pobreza e degradação ambiental. Assim como para problemas literais, que não deixam de ser materiais, tendo os principais problemas ambientais passíveis de manipulação e que precisam de um reflexão mais cultural para desconstruir olhares equivocados.

Acreditamos que a compreensão desta constituição do global seja parte importante na compreensão de questões internas da ecocrítica. Entender o global que embora seja responsável pela expansão do capital, prejudicando os povos e a natureza é também um espaço de ampliação para entender as questões ambientais em escalas maiores. Dinamizar estas discussões e trazer ao centro as questões ambientais é fundamental tanto na expansão, como nas possíveis soluções que requerem ações de caráter jurídico.

Através das teorias do imaginário traçando um olhar pela cultura será possível entender o que Garrad (2006) denomina como globalização da imaginação que é o novo olhar através das grandes tecnologias da informação e mídias para a terra. Sendo uma das mais marcantes, a expedição Apollo à lua que tirou fotografias do planeta terra no espaço mostrando sua forma e mudando a compreensão imagética do planeta.

É com isto que este trabalho vem apontar uma imaginação ambiental global a partir da qual estamos todos conectados. Na era das tecnologias da informação as imagens virtuais se tornaram uma constante na vida do homem contemporâneo, principalmente com a dinamização dos problemas ambientais globais. Se dinamizou de tal forma que nessa constituição de imaginário global, desenvolveu-se também uma consciência ecológica mais ampla.

Embora a consciência ecológica e a preocupação com o meio ambiente já se mostrassem presentes na filosofia, cultura e política, foi o crescimento e avanço das tecnologias que possibilitaram a explosão e dinamização dos problemas ambientais mostrando ao mundo um crise ecológica mundial. As discussões ambientais globais em debates, conferências e encontros internacionais com relação ao aquecimento global e

suas consequências, e a centralização do mundo para a preservação da floresta Amazônica intensificaram a construção desse imaginário global.

As imagens com relação aos buracos na camada de ozônio, o derretimento das geleiras, as toneladas de lixo nas encostas dos oceanos e a poluição do ar pelas indústrias adentrou na vida das pessoas que cresceram vendo pela televisão, computadores, celulares e tablets esses cenários de degradação do planeta. Essas influências, partidas de um imaginário coletivo, influenciaram diretamente o imaginário social de múltiplas culturas e a poluição passou a fazer parte das representações imaginárias nas artes em geral.

Esse imaginário global coletivo que traz essa consciência ecológica, como pode ser entendido em Silva *apud* Maffesoli (2000) é um inconsciente social que se faz presente no imaginário individual, mas é no imaginário social que se estrutura através do contágio que é a aceitação do modelo do outro na disseminação e imitação. A consciência ecológica é algo inconsciente no imaginário que através da dinamização da globalização pelos aparelhos midiáticos foi apropriada, mas que toma novas formas no regional.

Este processo dentro da cultura se dá pelo imaginário e essas influências partidas de um imaginário coletivo influenciaram diretamente o imaginário social de múltiplas culturas, passando a ter essas imagens como constituintes de seu imaginário cultural, observando também a degradação ambiental em suas regiões. Por mais que se tenha uma imagem sobre poluição, ela sempre será representada de forma diferente, pois como diz Trindade&Laplantine (1997) serão atribuídos significados diferentes.

A poluição é uma exemplo desta representação que de acordo com Garrard (2006), tratando do tropo “Primórdios: Poluição”, ela muda de significado e ganha uma nova representação. Do latim *polluere* significa “corromper”, tendo uma origem teológica e moral em língua inglesa utilizada no século XVII para expressar a contaminação moral ou atos de impureza da alma como a masturbação. Essa definição muda na modernidade com Francis Bacon no texto “Da proficiência e do progresso do saber divino e humano” onde muda o sentido de moral e subjetivo para um fenômeno material e externo: “O sol [...] passa pelas poluições e mantém a si mesmo puro como antes”.

Essa nova definição para a poluição traz uma mudança crucial pois influenciou diferentes culturas e formas de pensar, estando presente até hoje no inconsciente social que descreve Maffesoli. Afinal não é preciso ter qualquer tipo de formação ou nível

intelectual para entender o sentido de poluição, tornando-se um conceito popular, mas que nas características próprias do lugar ganham novas formas e tipos de representação.

É para esta questão que a análise ecocrítica deve se preocupar e buscar relacionar através de algumas perguntas: como relacionar problemas ambientais de questão local com o global? Como discutir esses problemas de maneira mais ampla? Que contribuições a ecocrítica pode dar para possíveis soluções?

Tanto Terry Gifford (2009), quanto Michael P. Cohen (2004) falam da importância de se focalizar no lugar e região pela dialética local-global entendendo o senso de lugar em termos multiescalares que transcendem o lugar. Assim como também incluir uma crítica a paradigmas globais, científicos e culturais com o objetivo de entender a natureza como ela realmente é e não como é construída midiaticamente.

É nesse olhar atento com o lugar com elementos globais como ambientes, rios, florestas, pobreza, impactos do capital, poluição do meio ambiente que vamos perceber o pensamento global que através do particular será possível relacionar o local com o global. Trazendo esses problemas em uma amplitude maior que transcenda o local, buscaremos a discussão mais ampla desses elementos que estão em destaque na contemporaneidade. Bachelard (1974, pg. 183) vem falar da imagem nessa perspectiva quando explica que “A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar.” O passado cultural não importa mais, pois as questões ambientais estão na contemporaneidade e deve-se buscar o diálogo com a crise ecológica existente.

Dessa forma será possível uma reflexão mais ampla a partir da cultura para as questões ambientais ampliando as discussões a partir do local e discutir mais de perto estas questões entendendo a localidade a partir da construção desse imaginário. É papel da ecocrítica estudar a relação do homem com o seu espaço e como esta relação se dá na cultura voltada para as preocupações centradas na Terra.

No caso desta análise, esta relação está na literatura enquanto representação imagética da realidade. As teorias em torno da literatura sempre se preocuparam com a relação do homem com o seu espaço e como esse espaço é retratado na literatura. Entender como esta dialética da produção literária se dá no regional e como estas

representações tem uma conexão com o global, onde está a consciência ecológica, podendo encarar as ameaças locais em um diálogo maior.

Uma das principais críticas que a ecocrítica deve se atentar é como a natureza é construída e como ela realmente é. Durante a análise dos poemas de Thiago de Mello buscaremos esboçar esse imaginário local e o tratamento mais íntimo e próximo que o poeta dá as problemáticas locais dentro de sua poesia. No seu imaginário local mostra a natureza na Amazônia que vem ser o seu lugar, o seu espaço que no imaginário global ainda se tem uma ideia diferente de Amazônia.

Em seu lugar, no seu local nos seus múltiplos elementos que se verifica elementos que estão inteiramente ligados a uma problemática mais ampla e aberta que pode ser compreendida através do global. Através da sua realidade experienciada que Thiago de Mello faz essa transfiguração através do seu imaginário para a ficção. Porém, a ecocrítica não vai se preocupar somente com essas representações, mas sim as representações que tragam preocupações com meio ambiente e analisar como se dá este processo na relação do humano com o não-humano na literatura.

Mas a principal mudança está justamente no despertar desses escritores para com a natureza assumindo uma postura crítica em suas produções. Kate Rigby (2000) em seu artigo intitulado “*Ecocriticism*” explica que a ecocrítica vem lembrar da terra mostrando a obrigação que a cultura deve ter com a natureza reestabelecendo esta relação que parte para além do texto, mas em defesa da natureza. Essa inflexão cultural dos problemas ambientais para a cultura é um fenômeno que vem acontecendo em toda a América Latina e está no inconsciente social pela consciência ecológica.

Entender a Amazônia no contexto de globalização se faz de grande importância por ser um vasto campo de pesquisa para a Ecocrítica. Primeiramente por ser uma região, onde o homem tem uma forte relação com seu espaço, existindo assim, um conflito entre homem e natureza. Segundo, pelo fato de o processo de formação e desenvolvimento civilizatório ter resultado em diversos problemas que partem do âmbito político, social e ecológico resultando em múltiplos paradigmas.

Na década de 60, mais especificamente, o mundo volta seu olhar para a Amazônia que de acordo com Ab’Sáber (2004, p. 131) “foi apresentada ao mundo ocidental como uma região uniforme e monótona, pouco compartimentada e desprovida de diversidade fisiográfica e ecológica”. Era visto como um espaço sem gente e sem histórica cultural,

mas era apenas uma região esquecida e marginalizada diante das demais, não apenas do Brasil, mas da América Latina.

Mas isso tem mudado, pois essa desconstrução tem acontecido não apenas através da cultura, mas principalmente com o grande impulso que a globalização pôs sobre esta região, que passa a ser, como afirma Pizarro (2012, p. 20) “uma área fundamental nas perspectivas futuras, não apenas na América Latina, mas da própria humanidade, uma vez que guarda a maior biodiversidade do planeta e os recursos minerais essenciais para o desenvolvimento energético”. Porém é um espaço que vem sendo mal explorado e sujeito a manipulações que afetam diretamente sua rica biodiversidade.

A preservação e o cuidado com a floresta estão presentes no imaginário amazônico e isto tem sido desenvolvido nos âmbitos culturais, sendo uma forma de criticar estes impactos ao ecossistema. Assim como também mostrar que existe uma preocupação do homem amazônico em preservar a floresta e isso se transfigura para a cultura.

A ecocrítica tem um papel fundamental na cultura amazônica por justamente poder intermediar estes problemas ambientais de âmbito científico com a cultura. Proporcionar um olhar da produção literária na Amazônia para com os problemas ambientais e desconstruir visões equivocadas nesse imaginário global, é algo fundamental na dinamização dessas questões em outras áreas de conhecimento ampliando o debate ecológico existente nesta região.

2. O imaginário global na poesia de Thiago de Mello em uma leitura ecocrítica

Thiago de Mello é um dos grandes poetas em torno dessa perspectiva que produzem uma literatura voltada para problemas e questões ecológicas de sua região. Essa produção é possivelmente perceptível à análise ecocrítica e se faz importante, principalmente pela pouca produção literária no Brasil em uma literatura de perspectiva ecocrítica. E através da perspectiva do imaginário busca-se compreender sua poesia nos processos de representação e construção de sua realidade experiência e sua preocupação ambiental com a Amazônia

Esclarecendo este ponto com relação às representações, Johnson (2009) aponta algumas orientações que são sugeridas por Lawrence Buell, onde oferece critérios para indicar se um texto é ambiental. Primeiramente, o ambiente não humano não deve estar presente apenas como um dispositivo moldado apenas para idealizar algo. Em seguida apontar que o interesse humano não deve ser o único legítimo. Terceiro, deve mostrar

uma responsabilidade humana que parta de uma orientação ética e por último algum senso de ambiente como processo.

A partir desta orientação as principais poemas a serem analisadas estão no livro “*Amazonas, Pátria da Água*” (2007), que trazem uma abordagem poética voltada para a região Amazônica em uma perspectiva ambiental. Esta obra traz uma nova visão poética do poeta que depois de voltar à sua Barreirinha no ano de 1978, começa a produzir uma literatura não apenas regional, mas preocupada também com questões sociais e ambientais da Amazônia.

Nesse contexto de início dos anos 80 as questões ambientais globais começavam a se dinamizar formando movimentos ecológicos denunciando uma crise ambiental. Esses movimentos que se iniciaram nos anos 60, segundo Carneiro (2003, pg. 17) “compreenderam que a luta seria global e que teriam que entrar em ação.” Essas questões tomaram proporções sociais, econômicas, filosóficas, políticas e culturais centrando as preocupação sobre o modo como temos tratado o planeta.

A mudança de perspectiva poética de Thiago de Mello mostra com bastante clareza esse olhar global sobre sua região, a floresta Amazônica e os problemas ambientais existentes. O imaginário, como entende Trindade&Laplantine (1997, p. 25) “faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida” influenciando diretamente em como o homem vê e interpreta seu espaço social, sendo construções e representações de uma realidade exterior. A ecocrítica nesta esfera cultural irá buscar rastrear as ideias e as representações ambientalistas que tenham utilidade no debate ambiental.

Os discursos que se tem sobre a região Amazônica são diversos e distintos devido, principalmente à miscigenação na sua formação cultural, tendo o olhar exótico europeu, o imaginário do caboclo e o místico indígena. Pizarro (2012) vem chamar estes discursos sobre a Amazônia de vozes do rio que se desdobram em uma infinidade de furos, igapós, lagoas, afluentes, numa verdadeira geografia das águas.

Discursos esses que nos mostram outro mundo, uma nação dentro de uma nação, a nação das águas. Thiago de Mello é uma dessas vozes, pois em sua poesia busca versar sobre a verdadeira Amazônia em elementos como marginalização, pobreza e miséria, mostrando que a relação do homem amazônico com o seu espaço envolve questões mais complexas entre fauna e flora que devem ser entendidas.

Tendo um olhar mais sensível para o lugar na busca de desvendá-lo, começamos pela Freguesia do Andirá, no coração da floresta e lar do poeta que versa tendo como fundo alegórico a água, o verde, os ventos, os pássaros e a paz feita de água. O tratamento sereno que o poeta dá à água é justamente porque ela representa a tranquilidade diante das situações, pois é preciso serenidade para enfrentar as adversidades.

Adversidades que estão diretamente ligadas aos embates sociais e ambientais em toda a Amazônia continental como também da realidade social dos moradores desta região, completamente diferenciada da exótica e maravilhosa eurocêntrica. Em sua lírica nos oferece um verdadeiro relato sobre a Amazônia, não apenas em sua realidade experienciada em relação com o seu espaço, mas em um olhar crítico que lança em defesa desta região:

“Freguesia do Andirá,
amor que lanha o meu peito
Morada de gente triste,
desvalida e conformada
ao gosto insosso da vida. [...]
Haja peixe, o rio é bom,
só escasseia pela cheia.
Haja maniva na roça,
esperança de farinha,
o inverno chega e se acaba...” (Mello, 2009, p. 284-285)

Neste poema nos mostra não apenas o seu espaço, mas os modos de vida do ribeirinho, a geografia e clima local dando voz a uma gente muito esquecida, mas que vivenciam e tem uma conexão muito forte com a floresta, e mais significativa com rio. Este mesmo rio que em suas condições geográficas interfere diretamente em suas condições socioeconômicas, como também em seu imaginário, pois através do rio com seus ensinamentos e mistérios o imaginar amazônico tem um diferencial.

Uma coisa a ser entendida na poesia de Thiago de Mello com relação a estes povos oprimidos e esquecidos está justamente na valorização destas comunidades que sofrem diretamente com os impactos ambientais em múltiplas ramificações como será entendido a seguir. O imaginário poético se dá a partir da imagem evocativa do rio que reproduz paisagens e a exuberância da floresta, mas também exerce o papel social em defesa da natureza e da Amazônia.

Sua poesia se desenvolve em uma verdadeira fusão entre ecologia e cultura, nas quais o imaginário exerce tanto seu papel literário quanto crítico ambiental. Este fato se

exerce em sua poesia por aquilo que Goodbody (2014) chama de estruturas opressivas do sistema cultural, dando voz a aquilo que é suprimido por essas culturas gerando um grande impacto cultural. Sua poesia se torna uma verdadeira voz para os pobres e oprimidos na Amazônia continental e abraça as causas ambientais gerando um forte diálogo com as principais discussões ambientalistas da contemporaneidade.

Compreender a relação de Thiago de Mello enquanto homem com o seu espaço é parte fundamental da ecocrítica neste trabalho, pois é através desta compreensão que estamos dialogando entre literatura e ambiente. Em sua lírica, posiciona a natureza como ponto central de seus interesses evidenciando o cuidado que se deve ter com a fauna, flora, os rios retirando aprendizados que estão na vivência e no dia-a-dia do homem amazônico que são elementos catalizadores do global, pois essa relação existe em outras partes do mundo, mas que na região ganham novas formas.

O homem amazônico vive em uma sábia união com as águas, a floresta e os animais como em uma convivência solidária que é regida por leis e valores únicos deste lugar:

“Eu venho desse reino generoso,
onde os homens que nascem dos seus verdes
continuam cativos, esquecidos,
e contudo profundamente irmãos
das coisas poderosas, permanentes
como as águas, o vento e a esperança.” (MELLO, 2002, p. 28)

O poeta demonstrar neste poema a relação do amazônida com o seu espaço em uma relação de integração com a natureza, cujos princípios e valores condicionam a sua maneira de viver. O homem amazônico usa a floresta, não a devasta, sendo um povo que mesmo esquecido por grande parte das regiões metropolitanas permanece em serenidade com a natureza em suas coisas mais ínfimas e simples. Mas este equilíbrio tem estado em constante ameaça.

A relação íntima e recíproca do homem com rio é de ensinamentos e aprendizagens, onde as águas ensinam ao homem o que deve fazer, colocando a água como um forte fenômeno da natureza. Mas diferente do rio, a floresta e os animais estão a mercê do home, a natureza está à mercê.

“Enfim te descobrimos. Foi preciso
que as águas mais azuis apodrecessem,
que os pássaros parassem de cantar,

que os peixes fabulares se extinguissem,
e tua pele verde fosse aberta
pelas garras de todas as ganancias.” (Mello, 2002, p. 33)

Utilizando-se de uma visão pós-apocalíptica para tematizar os impactos ambientais em torno do desmatamento extrativista, ao contrabando e caça predatória dos animais, à poluição dos rios e, sobretudo ao impacto que isso gera na vida do ribeirinho que para ele é o futuro da Amazônia. A exploração gananciosa que ocorre na Amazônia tem gerado impactos ambientais e perdido o controle com o aumento do desmatamento que de acordo com Ab’Sáber (2005) tem crescido pelo desenvolvimento de atividades agropecuárias.

A devastação da mata tem diferentes caminhos de devastação que tem acarretado consequências e necessitam de alerta imediato. Isso é um problema muito sério, pois tem se tornado uma prática comum, onde proprietários compram terras na Amazônia gerando grandes impactos ambientais com a exploração, em sua maioria irregular e criminosa.

O papel social da poesia de Thiago de Mello tematiza e traz para o centro cultural de discussões os problemas referentes à crise ambiental que ameaça toda a Amazônia, sendo um problema também de caráter global. É por estes alarmantes que Guattari (1990, p. 25) afirma que “mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos e precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistema...” Principalmente pela importância de se dinamizar os problemas ecológicos, sendo a cultura uma aliada fundamental neste processo.

A exploração da Amazônia vem ocorrendo desde sua colonização e em plena globalização tem crescido de maneira alarmante resultando em uma verdadeira crise ecológica em diversas áreas. A Amazônia na contemporaneidade está inteiramente ligada à questão da globalização sendo grande alvo de políticas neocoloniais na busca de recursos minerais em uma região rica que precisa ser preservada.

A crise ecológica é real e a escassez de recursos minerais torna a Amazônia um local de grande foco para esta prática. Carneiro (2003) é crítico e incisivo quando diz que a crise ecológica advém do abuso sem medidas da natureza, sendo um fenômeno que se dá em todo o mundo. E a crise ecológica está sendo vivenciada. Dentre estas crises que a Amazônia enfrenta hoje temos inundações, incêndios florestais, poluições, acúmulos de lixo, extinção de espécies animais, etc.

A poesia de Thiago está em relação direta com esse imaginário global sobre a Amazônia e como a inflexão desses problemas adentram e fazem parte de sua matéria poética. Sua lírica mostra uma outra Amazônia e uma outra forma de habitação da natureza. Além da sua consciência ecológica advinda desse inconsciente social, demonstra o quanto ainda temos que aprender com os povos tradicionais uma relação mais próxima e íntima com a natureza na busca de uma relação fraterna.

É por dentro da cultura que o poeta vem criticar o avanço do capital expandido pela globalização. Desmistifica a visão sobre Amazônia mostrando a Pátria da Água que vem ser todos os povos, animais, plantas e seres misteriosos que vivem em suas margens. Assim percebemos o compromisso do poeta com a preservação da natureza discutindo esses elementos que estão no seu imaginário, mas podem ser percebidos mais amplamente e discutidos de dentro da cultura.

Considerações Finais

Trazer à discussão as problemáticas da globalidade é um dos grandes desafios para os estudos ecocríticos, principalmente por ser um assunto mal tocado pelos ecocríticos. Mas a emergência de se entender estas relações é fundamental. Interpretar as manifestações culturais através da dialética local-global é o primeiro passo para entender como as consequências do capital global tem afetado diferentes culturas.

Os ecocríticos enquanto investigadores devem observar estas representações com um olhar mais próximo e íntimo que só a poesia pode mostrar e entender o lugar como mediador/catalizador de elementos globais. Dessa forma perceber com mais clareza que o discurso ambiental e a consciência ecológica vem aparecendo com mais frequências nas produções artísticas de modo geral.

Dentro do imaginário literário foi possível perceber a formação dessas representações que como explica Durand (2011, pg. 10) “A imagem pode se desenvolver dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável...”. Estando sujeita a diferentes interpretações e a perspectiva do pensamento ecocrítico na poesia de Thiago de Mello lança um novo olhar a partir dos elementos que usa como matéria poética, onde constrói o seu espaço dentro de sua lírica.

A valorização do homem Amazônico colocando seu modo de habitar como um modelo ecológico de sustentabilidade com as plantas, os animais, as águas e tudo que compõe o espaço geográfico mostra sua postura ética ambiental. As preocupações com esse ecossistema transforma sua poesia em um verdadeiro manifesto verde. E esta análise

buscou através desse lugar compreender estas problemáticas no contexto global da Amazônia.

Cohen (2004) afirma que a função mais importante da literatura hoje é redirecionar a consciência humana sobre o seu lugar em um mundo ameaçado, e o poeta, em seu imaginário literário, demonstra as ameaças que a Pátria da Água enfrenta. Em síntese, este trabalho cumpre seus objetivos de compreender o imaginário global dentro da poesia de Thiago de Mello trazendo uma reflexão cultural sobre a Amazônia. Assim como contribuições para os estudos recentes da ecocrítica em torno da globalização. O imaginário global se faz presente no seu espaço poético e através dos elementos deste espaço foi possível trazer uma reflexão sobre a Amazônia globalmente.

Referências Bibliográficas

- AB'SÁBER, Aziz. **A Amazônia: Do discurso à Práxis**. 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paul, 2004.
- AB'SÁBER, Aziz. **Problemas da Amazônia brasileira**. Entrevista a Dario Luis Borelli et al. *Estud. av.* vol.19 no.53 São Paulo Jan./Apr. 2005.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril, Curitiba, 1974
- CARNEIRO, Augusto Cunha. **A história do Ambientalismo**. – Porto Alegre: Editora Sagra Luz-zatto, 2003.
- COHEN, Michael P. Blues in the Green: Ecocriticism Under Critique. *Environmental History*. 2004. Posted with permission to the ASLE <https://website.www.asle.org>.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imaginação**/ Gilbert Durand; tradução Renée Eve Levié. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**; tradução Maria Cistina F. Bittencourt. – Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**; tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- GIFFORD, Terry. **A Ecocrítica na Mira da Crítica Atual**. Rio de Janeiro: Terceira Margem, 2009. Número 20.
- GOODBODY, A. A Ecocrítica alemã: Um panorama. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 17, n. 24, Dez. /2014, p. 1-19.

- GONZÁLEZ, Maurício Ostría. **Aproximación Ecocrítica a Textos Literários**. Quito: Kipus Revista Andina de Letras, 2010, n. 27. ISSN:1390-0102
- JOHNSON, Loretta. **Greening the Library: The Fundamentals and Future of Ecocriticism**. CHOICE: Bibliographic Essay, 2009. Posted with permission to the ASLE <https://website.www.asle.org>.
- MELLO, Thiago de. **Melhores poemas Thiago de Mello**. 1. Ed. São Paulo: Global, 2009 – (Coleção Melhores poemas)
- MELLO, Thiago. **Amazonas, pátria da água, e; Notícia da visitação que no verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus barrancos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MELLO, Thiago de. **Amazonas: pátria da água = Amazonas: water hertland/ textos e poemas/ texts and poems Thiago de Mello; fotografias/ photographs Luiz Cláudio Marigo**; São Paulo: Gaia: Editora Boccato, 2007.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**; tradução Rômulo Monte Alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- RIGBY, Kate. **Ecocriticism**. *Literary and Cultural Criticism at the Twenty-First Century*, Edinburgh: Edinburgh UP, 151-78. Digitised for ASLE with kind permission of the publishers.
- SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito**. COMPÓS
- TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário / liana Trindade, François Laplantine**. São Paulo; Brasiliense, 1997.